



Construção de Espaços: um olhar sobre as relações comunicacionais em sala de aula¹

Maria Teresa Tabarassi da Silveira FEITAL²
Maurício R. GONÇALVES³
Osvando J. de MORAIS⁴

Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

Resumo

Esse artigo procura investigar a importância da existência e da permanência das construções e ocupações de espaços físicos como os das salas de aula. As observações foram realizadas durante o desenvolvimento das disciplinas de Comunicação Empresarial e Gestão Mercadológica, dos cursos de tecnologia em Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais de uma IES. Estas observações partiram do ponto de que a existência do espaço da sala de aula continua tendo papel fundamental nos processos educativos, com as implicações éticas e intelectuais que marcam as relações entre professores e alunos. A presença das novas tecnologias no processo de aprendizagem e a sistematização dos conhecimentos que circulam nas redes de comunicação, modificam e ampliam o espaço tradicional da sala de aula.

Palavras-Chave: educação; espaço; sala de aula; novas tecnologias;

Introdução

Do começo do século XX em diante, as tecnologias transformaram demasiadamente o trabalho, os meios de produção e comunicação e a maioria das nossas relações com os espaços. Mas, as salas de aulas, até mesmo nas universidades quase não mudaram.

O ensino no velho estilo, com o professor de pé em frente a um grupo de estudantes, ainda permanece ativo. Para muitos, este é um modelo de mão única, focado no professor onde o aluno fica isolado no processo de aprendizagem. No modelo industrial de produção de estudantes em massa, o mestre é o transmissor de um sistema de difusão correspondente àquele que transmite informação do emissor para o receptor,

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Cultura da UNISO, São Paulo, SP, email: teresa.feital@terra.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação e Cultura da UNISO, São Paulo, SP, email: mauricio.goncalves@prof.uniso.br

⁴ Coordenador do Curso de Comunicação e Cultura da UNISO, São Paulo, SP, email: osvando.morais@prof.uniso.br



em sentido único e linear. Esse sistema é aperfeiçoado em algumas disciplinas, mediante ensaios, laboratórios e seminários. Muitos professores trabalham para ir além, mas em geral o modelo permanece dominante.

Mas, se este modelo continua a existir, com características tão peculiares através do tempo e de todo o desenvolvimento tecnológico é porque este espaço ainda é importante, principalmente para proporcionar experiências sociais, humanas, presenciais, onde os estudantes convivem com várias vozes, opiniões e construções de identidade.

É incontestável que a internet e as novas tecnologias estão causando um grande impacto nas instituições de ensino, nos relacionamentos entre professores e alunos e no espaço da sala de aula. Porém, este impacto pode constituir novos desafios para que as relações se intensifiquem na busca de uma aprendizagem efetiva e contínua, sem que necessariamente a sala de aula e todas as suas experiências presenciais tenham que desaparecer totalmente.

A seguir, no decorrer do texto, os termos lugar e espaço foram usados indistintamente para se referir à sala de aula. O uso destas palavras foi baseado em uma definição terminológica de Marc Augé que diz que o termo lugar não precisa se opor ao de espaço:

“O lugar, como o definimos aqui, não é em absoluto o lugar que Certeau opõe ao espaço, como a figura geométrica ao movimento, a palavra calada à palavra falada ou o estado ao percurso: é o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico. Naturalmente, é preciso que esse sentido seja posto em ação, que o lugar se anime e que os percursos se efetuem, e nada proíbe falar de espaço para descrever esse movimento” (AUGÉ, 1992).

Marc Augé inclui na noção de lugar a possibilidade dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza. Seguindo esta idéia, a sala de aula pode ser considerada o lugar onde se integram a aventura comum de um grupo em movimento e a expressão de identidade deste grupo.

Segundo Citelli (2000), para quem trabalha na interface da comunicação com a educação, é um desafio entender e tentar transformar a escola que temos e a sociedade em que vivemos, bem como situar os objetivos da educação no interior da lógica que sustenta a sociedade global atual com o dilúvio de informações e acúmulo de conhecimentos que ainda não são utilizados adequadamente.



A escola continuará sendo um espaço de sistematização e produção de saber. As mediações comunicacionais e o discurso pedagógico possibilitam a inserção da crítica, proporcionando um espaço privilegiado para que professores e alunos reflitam e desenvolvam os saberes científicos (CITELLI, 2000).

“a sala de aula ainda representa a maneira mais econômica e operacional para se articular o conhecimento e a construção do saber, além de se constituir em elemento básico no movimento geral de socialização por serem espaços de comunicação que permitem uma infinidade de relações”. (CITELLI, 2000).

Este tipo de visão evidencia a importância dos contatos pessoais e a materialização dos espaços nos relacionamentos. Em contrapartida, autores como Pierre Levy (1999) defendem a idéia de que espaços delimitados, físicos, como as instituições de ensino serão cada vez menos necessários na sociedade atual, porque o uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber, redefinindo alcances e significados, desintegrando barreiras de espaço e tempo.

As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecida pelo ciberespaço questionam o funcionamento das instituições educacionais, as mentalidades e a cultura destes sistemas, bem como os papéis de professor e aluno.

Para Levy (1999), tanto no plano das infra-estruturas materiais como no dos custos de funcionamento, as escolas e universidades “virtuais” custam menos do que o ensino presencial e favorecem maior socialização no plano do ciberespaço.

“as práticas pedagógicas devem acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno” (LEVY, 1999).

A questão é a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, reconhecimento auto-gerenciado, móvel e contextual das competências. Para isto, os poderes públicos deveriam garantir a todos uma formação elementar de qualidade; permitir a todos acesso aberto e gratuito a pontos no ciberespaço e regular e animar uma nova economia do conhecimento na qual cada



indivíduo, cada grupo, cada organização seriam considerados como recursos de aprendizagem potenciais ao serviço de percursos de formação contínuos e personalizados.

Pierre Levy, em *Cibercultura* (1999), não evidencia o papel de como despertar o lado crítico e a ética, tanto em professores quanto em alunos, em relação às informações que fluem livremente nos meios de comunicação. De certa maneira, hostiliza o papel da institucionalização do ensino, porém não questiona os interesses da sociedade quando ela pode tomar a ação de ensino por ela mesma, como se nas sociedades, de modo geral, não houvesse interesses institucionalizadores de determinadas informações.

Para Olgária Mattos (1997), a determinação de todos os aspectos da vida pelas leis de mercado não encontram um aliado em algumas áreas da educação, ao contrário, encontram oposição à autorregulação das leis de mercado, pois o aumento do desenvolvimento econômico nem sempre corresponde ao desenvolvimento humano, às vezes corresponde para sua regressão, bem como para o empobrecimento espiritual das sociedades.

Construção e Ocupação de Espaços

Existem muitos estudos sobre o entendimento das formas de ocupação dos espaços nos diferentes ambientes. Essa ocupação é determinada pelas características sócio-culturais desse espaço e refere-se também aos territórios invisíveis que todos nós ocupamos.

Steinberg (1988) trata dos aspectos básicos da territorialidade humana e da interação nas diferentes culturas sobre a proximidade aceitável entre as pessoas, que é definido em função do grau variável do estado emocional do indivíduo, da intimidade entre os interlocutores e da tradição cultural na qual cada sociedade fixou seus hábitos de comportamento em grupo.

A organização espacial na sala de aula, tanto pelo professor como pelos alunos contribui para a construção de novas relações, auxiliando na constituição de um espaço onde possa prevalecer a interação social com todas as assimetrias presentes neste ambiente. Cada aluno traz para a sala de aula uma multiplicidade de experiências pessoais e profissionais possibilitando através dos contatos cotidianos a formação de um espaço e de uma rede de contatos, que se enreda em muitas direções. Como o curso de Gestão Tecnológica é de curta duração (2 anos) cabe ao professor estimular que esses



contatos iniciais entre os alunos sejam feitos de maneira ágil, interagindo nesse processo de forma ética e eficaz.

Para Faria Filho (1998) o espaço escolar institui em sua materialidade um sistema de valores necessário para o processo de aprendizagem, qualquer mudança em sua disposição, modifica sua natureza cultural e educativa. Ao estruturar ou modificar a relação entre o interno e o externo ao meio escolar, ao dispor de uma maneira ou outra as separações e os limites, as relações e comunicações, as pessoas e os objetos, estamos modificando a natureza do lugar. Estamos mudando não somente os limites, as pessoas ou os objetos, mas também o mesmo lugar.

Conforme Santaella (2007), com a explosão do universo digital, a difusão, os usos e os comportamentos que os equipamentos móveis provocam, veio a emergência do ciberespaço. O conceito de espaço deve ser entendido como o espaço de nossa experiência sensorial, que apresenta uma variedade de formas e relações entre espaço e lugar, em que os lugares não podem ser separados de seu contexto de experiência. Santaella aproveita a síntese didática de Norberg-Schulz para os seguintes tipos de espaço: o espaço orgânico integra o ser humano no seu ambiente natural; o espaço perceptivo é essencial para sua identidade como pessoa; o espaço de existência o faz pertencer a uma totalidade social e cultural; o cognitivo significa que ele é capaz de pensar sobre o espaço; o espaço lógico lhe fornece uma ferramenta para descrever abstratamente todos os outros enquanto o arquitetônico integra a experiência e o pensamento.

No processo de ensinar um determinado conhecimento, o professor é levado à necessidade de modificá-lo para que esse conhecimento se transforme em objeto de ensino que possa ser compreendido e aprendido pelo aluno. Todo o professor faz isso permanentemente em suas atividades educacionais: recorta e seleciona o conteúdo de acordo com o que ele considera relevante; divide o conteúdo e depois restabelece as partes com um fio condutor que amarra o conteúdo e o distribui. Para que o aprendizado se transforme em conhecimento é necessário reintegrar as partes e relacionar os diversos conteúdos disciplinares. Para isso, o professor deve estar preparado para descrever e explicar um mesmo fenômeno na perspectiva de diferentes disciplinas e também o de relacionar as diferentes formas de conhecer um mesmo fenômeno.

Comparando Adilson Citelli (2000) com Pierre Levy (1999), o primeiro parece compactuar com o pensamento acima, principalmente no que diz respeito ao papel do professor como condutor e orientador no processo de aprendizagem, bem como o de



crítico, quando este escolhe, recorta e seleciona o que acha relevante. O professor, além de ensinar, também é responsável pela construção do conhecimento do aluno com implicações éticas e intelectuais.

Para Levy (1999), não cabe mais ao professor selecionar e recortar os assuntos antes dos alunos, mas sim junto com eles e de acordo com os interesses deles.

“o professor torna-se animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu cargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem”
(LEVY,1999)

A comparação do professor a um animador pode incomodar alguns professores, pois alguns alunos podem ter uma visão totalmente equivocada em relação a determinados assuntos, ou valores e nestes casos não dá para abrir mão do papel de educador e só ficar no papel de animador sem pensar em conseqüências, tanto individuais como coletivas.

Segundo Olgária Mattos (1997), professores que trabalham, principalmente na área das humanidades, pensam em educação como disciplina formadora e não-performática, perguntando-se sempre que tipo de indivíduos pretende-se formar. A resposta depende de uma interpretação do homem e de seu tempo.

A sala de aula é um espaço privilegiado quando pensamos em educação e com a internet surgem novos espaços importantes para o processo de ensino-aprendizagem, que modificam e ampliam o dia-a-dia da sala de aula. O mundo cibernético está cada vez mais fazendo parte deste contexto ajudando muito o processo de ensino-aprendizagem, porém, essa facilidade de acesso à informação se contrapõe ao fato de grande parte dos alunos não estarem preparados para executar algumas tarefas de pesquisa. É importantíssimo que as escolas desenvolvam práticas que façam com que os alunos vão além da simples cópia e aprendam a pesquisar, descobrir e construir seu próprio conhecimento.

A internet tem sido uma grande ferramenta pedagógica nos dias de hoje e vale ressaltar que é de grande importância que se use todos os recursos deste instrumento procurando sempre encontrar o verdadeiro sentido da proposta estudada e fazendo da pesquisa uma prática constante e do conhecimento uma desfilarm de idéias e pluralidade de conceitos. A informática é um elemento a mais no processo de formação do conhecimento, mas não é o único e conclusivo, pois suas informações devem ser



analisadas, debatidas e discutidas de forma em que sempre sejam buscados o conhecimento autônomo e a educação crítica e reflexiva.

Considerações Finais

A internet tem sido uma grande ferramenta pedagógica nos dias de hoje e vale ressaltar que é de grande importância que se use todos os recursos deste instrumento procurando sempre encontrar o verdadeiro sentido da proposta estudada e fazendo da pesquisa uma prática constante e do conhecimento uma desfiladeiro de idéias e pluralidade de conceitos. A informática é um elemento a mais no processo de formação do conhecimento, mas não é o único e conclusivo, pois suas informações devem ser analisadas, debatidas e discutidas de forma em que sempre sejam buscados o conhecimento autônomo e a educação crítica e reflexiva.

Quando usamos os novos meios de comunicação de maneira intensiva, relegando os contatos pessoais, podemos estar sacrificando outros modos de pensamentos e relacionamentos, particularmente aqueles que requerem contemplação, reflexão e introspecção. Isso pode ter conseqüências, pois modos contemplativos sustentam a criatividade, a empatia, profundidade emocional e o desenvolvimento de uma personalidade única. Sem esses modos de pensamentos, podemos até ser bem produtivos e eficientes, mas como seres humanos poderemos nos tornar mais rasos, menos interessantes e distintos intelectualmente.

Os estudantes que estão crescendo neste mundo digital interativo aprendem de maneira diferente e apresentam uma nova demanda às universidades. Não se deve negar as novas exigências de mercado em relação à educação, muito menos as novas tecnologias que permitem uma infinidade de acessos a informação, conhecimentos e relacionamentos.

Como a sala de aula nestas reflexões foi considerada um lugar onde um sentido pode ser colocado em ação e que os vários percursos e discursos podem se efetuar integrando a aventura comum de um grupo em movimento a de expressão de identidades, para se manter a relevância deste espaço da sala de aula e dos relacionamentos que nela podem existir é necessário que haja uma adaptação do que este nosso tempo nos apresenta, levando, entrecruzando ou sobrepondo para sala de aula esse novo mundo sem deixar de lado o elemento humano e suas várias possibilidades de relacionamentos, principalmente os de face a face e olho no olho, com as mediações tecnológicas e humanas que podem e devem permanecer.



No contexto atual deve-se utilizar esta ferramenta para o desenvolvimento do aprendizado, porém é importante criar mecanismos para que a pesquisa seja um passo a mais no desenvolvimento do aprendizado criativo e autônomo dando oportunidades do educando dizer o que pensa sobre o assunto discutindo o conteúdo que obteve e produzindo técnicas de utilização prática do conteúdo obtido nas pesquisas. É preciso gerar oportunidades de discussão dos conteúdos obtidos no processo de pesquisa e fazer com que toda aprendizagem parta de uma ação firme em busca do conhecimento gerado a partir do interesse, da participação e da cooperação.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, M. **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade** – São Paulo: Papirus, 1994

CITELLI, A. (org.) **Comunicação e Educação - A linguagem em movimento** - São Paulo: SENAC, 2000.

FARIA FILHO, L.M. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões** -Revista Faculdade de Educação vol.24 n.1 São Paulo Jan./Jun. 1998

LEVY, P. **Cibercultura** - São Paulo: Editora 34, 1999.

MATOS, O. **Filosofia – A polifonia da razão** – São Paulo: Scipione, 1997

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade** - São Paulo: Editora Paulus, 2007.

STEINBERG, M. **Os Elementos Não-Verbais da Conversação** - São Paulo: Atual, 1988.